

OS CAVALOS COMEM REPOLHO COM MANTEIGA DEFUMADA

Uarlen Becker

PERSONAGENS

ELA

ELE

A FILHA

A MÃE

A REPÚBLICA

O CORCUNDA



O público entra e ela está sentada em uma cadeira giratória. É uma espécie de monstro. Gira para um lado e depois para o outro emitindo sons guturais, às vezes cantarola uma canção indígena. Pega uma bexiga e sopra bem devagar até estourar. Dá um riso seco e irônico. Ele vem do fundo, escondido sob coberto com um fino lençol branco, encharcado. Caminha bem devagar. Está um pouco curvado. Para distante dela, que continua girando na cadeira e emitindo sons. Depois de um tempo, ele fala.

FIGURA

“Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se os milagres que se realizaram no meio de vós, tivessem sido feitos em Tiro e Sidônia, há muito tempo elas teriam feito penitência, vestindo-se de cilício e cobrindo-se de cinza. Pois bem! Eu vos digo: no dia do julgamento, Tiro e Sidônia serão tratadas com menos dureza do que vós. E tu, Cafarnaum! Acaso serás erguida até o céu? Não! Serás jogada no inferno! Porque, se os milagres que foram realizados no meio de ti tivessem sido feitos em Sodoma, ela existiria até hoje! Eu, porém, vos digo: no dia do juízo, Sodoma será tratada com menos dureza do que vós!”¹

¹ Jesus, em Mateus 11:21

Ele passa por ela, que continua emitindo sons bem baixinho. Retira o lençol. É um retirante/sertanejo do século XIX vestindo andrajos. Caminha pelo espaço bem lentamente se apoiando em um pedaço de pau. Ajoelha-se e reza um pai nosso e uma ave-maria. Ela para de sussurrar, respira fundo. Ele olha para ela. Ficam imóveis e em silêncio por um tempo. Depois ele vai em sua direção, deita em seu colo, bem encolhido. Ela põe para fora um seio postiço. Ele mama cada vez mais rápido, ambos em êxtase, até que termina e ele escorre para o chão. Ela retira a máscara. Possui olheiras profundas. É também uma sertaneja/retirante do século XIX vestida em andrajos. Vai bem devagar até a porta do teatro, escuta algo e depois volta.

ELA

Está ouvindo? O silêncio!

Ele ergue-se, e bem lentamente caminha até a porta. Põe o ouvido, tenta escutar alguma coisa. Como foi, retorna e fala para ela.

ELE *sussurrando*

Parou!

ELA

Eu quero sair daqui.

ELE

Você sabe que a gente não pode!

ELA

O povo não está mais na rua!

ELE

Por isso mesmo! As tropas do governo são mais perigosas. O povo reconheceria a gente. Eles não. E mesmo se reconhecessem, matariam a gente! O povo também, talvez.

ELA

Não entendi sua ideia. Você sabe que ninguém viria aqui pra assistir a gente. Nem o vigilante, nem os técnicos, ninguém aqui, só a gente! Você querendo que o público viesse! Essa mania de revolução!

ELE

A gente precisa lutar, a gente precisa resistir!

ELA

Você é doido. E eu mais doida ainda que vim atrás de você.

De repente, ele faz sinal de silêncio. Parece ouvir algo. Caminha bem devagar até a porta. Ela põe a máscara. Ele escuta pela porta. Volta de costas e quando se vira toma um susto.

ELE

Quer me matar?

ELA

Eu?

ELE

Pra que diabos você botou essa máscara?

ELA

Podia ser o público.

ELE

Acho que não vem ninguém. Você tem razão, é maluquice a minha querer apresentar no meio dessa confusão toda. Às vezes eu penso que a gente devia é pegar nas armas e ir lutar também. Cavalos, asnos, jumentos, pôneis, unicórnios, cobras e escorpiões!

ELA

Pegar em armas... Eu nem sei atirar! No máximo esfaquear ou envenenar! E pensar que isso tudo começou com uma greve, uma greve! Era para ser um dia e já são três meses nessa confusão! A normalidade nunca se instala! Todo mundo envolvido nessa luta!

5

ELE

Nem todos. Nós artistas ficamos o tempo todo de braços cruzados, dentro daquela normalidade. Agora estamos pagando o pato!

ELA

A gente precisa do cachê, não se esqueça.

ELE

A gente precisa de tanta coisa...

ELA

Como eu e você precisamos do cachê para viver e comprar coisas!

ELE *um pouco irritado*

Eu vou lá dentro pegar uma água.

Ele sai. Ela fica imóvel por um tempo. Depois caminha lentamente até a porta.

Tenta escutar alguma coisa. Se assusta e tapa a própria boca. Volta bem devagar. Ele retorna segurando um vestido de noiva.

ELE

O que foi?

ELA

Um homem conversando com outro, propondo invadir o teatro.

ELE

Não tem perigo, você sabe que o prédio é cheio de grades bem grossas. Além disso, que tesão macabro é esse de invadir um teatro?

ELA

Você sabe como essa gente é, eles tem ferramentas, armas, bombas! Por sorte o outro achou melhor invadir um banco, alegando que seria mais condizente com a luta. Pelo menos foi o que eu ouvi!

ELE

Está certo! Pra nossa sorte ele está certo! Invadir bancos é mais produtor! Apague as luzes.

ELA *apagando as luzes*

Veja no que a gente foi se meter!

ELE

Talvez o escuro proteja a gente um pouco mais.

ELA

A gente sempre esteve no escuro...

ELE

Tentando levar alguma luz pro mundo.

ELA

...política cultural pequena.

ELE

Bobagem. Não escuto ninguém na rua, silêncio total. Devem ter ido pro lado da orla.

ELA

Vamos acender as luzes, detesto escuridão. Quando eu era criança, minha mãe lia poemas em voz alta no escuro para acender a mente.

ELE

Nunca tivemos política cultural. Nunca! Em nenhum governo! A gente sempre foi cidadão de última categoria, um pastiche, uma falsidade de glamour e celebridade. Sempre artistas da fome! Sempre implorando por público!

ELA

Os teatros raramente estiveram cheios por aqui. Esse nosso teatrinho então, coitado, sempre perdeu feio para os grandes, com aquelas comédias ricas!

ELE

Mas a gente sempre resistiu! Sempre! E agora mais do que nunca é preciso lutar e resistir, resistir e lutar, por mais que a coisa seja deprimente!

ELA

É por isso que você trouxe a gente aqui? Para resistir e lutar? Para ficar no olho do furacão, no meio da confusão? Acenda as luzes, chega de escuridão!

ELE *acendendo as luzes*

A gente divulgou o espetáculo, prometemos abrir o teatro, eu sei que é uma loucura, mas a gente precisa tentar! Temos um teatro e temos um repertório!

ELA

Ninguém bateu na porta! Era esse o combinado. Assim que se divulgou: “O teatro irá funcionar com a peça *Os cavalos comem repolho com manteiga defumada*. Por causa dos embates entre população e governo funcionaremos com as portas fechadas, basta bater que abriremos.” Quanta ingenuidade!

ELE

Aquele grupo no centro do país fez essa experiência e foi bem sucedido! E ainda ousaram usar os termos que a imprensa evita usar.

ELA

Ah, ali é diferente! Eles são ricos, conhecidos, tem mais de trinta anos de história, cheios de prêmios e tal! Aí é fácil brincar de ser revolucionário! O dono da companhia é casado com o filho de um senador! Uma das atrizes do grupo

é filha de um general! O filho do deputado namora o próprio primo e o deputado fode com cadelas. A dramaturga mequetrefe é casada com o juiz narcotraficante que mandou matar a própria mãe. Tudo gente da elite! Tudo gente que tem influência e costumes!

ELE

E daí? Eles tiveram mais sorte porque as pautas de reivindicação por lá são mínimas! Focaram na questão do trabalho escravo e condições melhores de trabalho! Também querem derrubar o governo.

ELA

Aqui a maioria é negra! Tem essa reivindicação também. Da queda do governo e da tomada de poder pelos negros! Aquela artista branca está apoiando, ela insiste que é negra, se autoproclamou crioula naquele videoclipe, que absurdo!

ELE

Mas é claro, eles estão certíssimos! É preciso dar muito a quem tudo foi tirado, não é esse o lema dos negros que estão na revolta? Pois que assim seja! Eles com a luta deles e a gente com a nossa, que no final das contas é tudo a mesma coisa, somos todos fodidos! Eu ainda não saí pra lutar de verdade porque sou covarde!

ELA

É que somos artistas, é diferente!

ELE

Diferente? Como? A gente paga impostos, paga aluguel, come, veste, usa medicamentos, precisa de uma previdência pra velhice...

ELA

A gente trabalha com a luz, com a magia, com o transcendental, com a poesia!

ELE

Mas estamos no mesmo país que eles, somos filhos da mesma nação! A revolta deles é a nossa, a gente não pode cruzar os braços, como sempre

fizemos, como nossa classe sempre foi acusada. Um bando de alienados que só pensa no cachê e nos holofotes. Olha o pessoal da TV: todo mundo demitido. Os que não levaram chute na bunda, pediram pra sair, se recusaram a fazer telenovelas ditadas pelo governo, é um absurdo!

ELA

É um nojo, eu me recusaria! Mas eu adoraria que pelo menos duas pessoas viessem para assistir a gente hoje.

ELE *após um tempo*

Lembra que apresentamos tantas vezes para três, sete pessoas? Aqueles aplausos ecoando no grande silêncio do teatro!

ELA

Lembro. Tão constrangedor a gente fingindo alegria com aqueles sorrisos amarelos, pedindo que eles indicassem a peça para os amigos e para os inimigos...

A luz muda, eles se curvam, fazem a cena, como se estivessem no teatro, no final de uma peça, recebendo aplausos.

ELE

Que horrível! Eu detesto dizer essas coisas quando termina apresentação. É podre!

ELA

Podre é o governo local, que prometeu dar uma grana para os artistas e depois recuou. E quando a gente pensou que iria ganhar aquele prêmio, perdemos, porque alegaram que não somos tão artistas assim! Como a gente é idiota por acreditar nessa gente, viu!

ELE

São uns canalhas, esses caras não prestam. Sempre a maquiagem de sempre, fazem aquele estardalhaço e depois distribuem migalhas do grande bolo que eles usam pro que interessa a eles.

ELA

Sempre a velha história de que é preciso investir na educação. Cadê? E esse povo todo aí fora será que consegue mudar isso? Meu tio, professor adjunto da universidade, preferiu fazer um seminário para discutir a conjuntura e a problemática.

ELE

Eu espero que sim, que o povo consiga mudar. Aqui precisava dessa guerra de farrapos e bananas. O levante não será em vão.

Ficam em silêncio por um tempo. Ela se deita no chão; ele vai até a porta escutar algo. Depois de um tempo ela se ergue.

ELA

Por que você está segurando esse vestido?

ELE

Ah, eu vi pendurado na parede... Lembra que fizemos aquele espetáculo *Casamento na roça* pro grande shopping center?

ELA

Lembro! Foi um dos melhores cachês!

ELE

Pensei que a gente poderia montar de novo. O figurino tá todinho aí...

ELA

Será que vai caber nesses tempos uma peça com esse tema? Parece tão alienante... E qual shopping center vai querer comprar um evento de artistas locais? Sempre preferem artistas de fora, mesmo nessa crise medonha que eles mesmos criaram...

ELE *depois de um tempo, pensativo*

Tudo mudou tão depressa...

ELA

E a gente precisa correr e se adaptar a tudo isso. A gente nunca pensou que tudo mudaria. O que era deslumbrante ficou velho e feio, o que era revolucionário agora é ofensivo e incorreto.

ELE

E dói acreditar nisso e abrir mão de tanta coisa que foi bonita...

ELA

A gente está rendendo demais esse papo furado! Eu quero é ir embora. Vamos tirar esse figurino e se mandar daqui! Me sinto ridícula! Ninguém viria nem virá ver espetáculo de teatro com o país no meio desse furacão!

ELE

Se acalme criatura, pode ser perigoso. Cortaram a internet, não sei por quê milagre não cortaram a de energia. Apesar de concordar com esse levante popular, eu discordo de muita coisa. Fico na dúvida com tanto exagero. Incendiaram um prédio inteiro, queimaram um banqueiro vivo, amarrado num poste de energia! Explodiram um templo com todos os fiéis dentro!

ELA

Você mesmo tinha dito pra Luíza que todo movimento é passível de excessos! E que uma guerra interna poderia ter muitas baixas!

ELE

E é verdade, os movimentos são movidos por paixões, tudo pode acontecer, alcançar o objetivo e até morrer! Luíza, aquela miserável sem palavra.

ELA

Disse que ia continuar com a gente e foi fazer um trabalho na outra cidade! É difícil manter grupo!

ELE

É difícil se manter com a paixão!

ELA *abrindo os braços e “voando” pelo ambiente*

Paixão, paixão, paixão! Meu pai era apaixonado por aviação, queria que eu fosse aeromoça. Logo eu, que sempre morri e morro de medo de avião. Minha mãe, que não era apaixonada por nada, me disse que mulher não ouve ordem de homem, que mulher faz o que a cabeça dela manda.

ELE

A cabeça?

ELA *parando*

No meu caso foi o coração. Mamãe era uma mãe já idosa e eu ainda tão jovem...

ELE *de costas, usando o vestido e fazendo a mãe*

É minha filha, nunca se esqueça disso que não é uma lição, mas uma dose de conselho: siga o seu coração e se mantenha firme em seu pensamento. Não dê ouvidos ao que seduz fácil, porque diabo não desencaminha, mas seduz bem bonito. Não baixe sua cabeça. Não tem ninguém melhor do que você. Toda profissão é bonita se a gente faz com amor e gosta do que faz! Seja sempre feliz minha filha. Seja sempre você.

ELE

Que mãe a sua... E você é feliz?

ELA *depois de um tempo olhando para ele*

Vou tentar espiar lá fora.

ELE

Eu vou com você.

ELA

A gente podia abrir a porta juntos, sem medo.

ELE

Com medo, mas fingindo coragem.

ELA

Vamos fazer uma cena?

13

ELE

Sim... Podíamos fazer aquela cena da morte do juiz togado. Com a república sanguinária enjaulada sentada sobre uma pessoa do povo que lambe o cu dela. Ou do juiz.

ELA

E o corcunda tolo que pensa que é sábio! Eu faço a república sanguinária!

Caminham para um lado e outro, se vestem, a luz muda, cria-se o clima para a encenação. A república segura uma bandeira negra. Os seios estão à mostra, pintados de vermelho, escorrendo sangue. O corcunda vem mancando e emitindo sons guturais. Para diante dela, se olham.

ELE

O que somos, senão trabalhadores artistas?

ELA

Vamos à luta mais uma vez, meu amigo. E se a gente morrer...

ELE

Será um acidente de trabalho, nossa paixão, nosso amor, nossa fortuna!

ELA

Lá fora o país pega fogo. Vamos nos queimar um pouco também! Eu adoro essa súbita tomada de consciência.

Uma música suave. O Corcunda caminha devagar, coloca uma cabeça postiça monstruosa com um véu de noiva. Caminha até a porta, emitindo os mesmos sons guturais de anteriormente. Ela marcha ao redor dele e depois coloca-se

em sua posição. A luz da cena baixa. Das caixas sai um som ensurdecedor e irreconhecível, um misto de música, gritos e bombardeios que crescem cada vez mais. Ele abre a porta bem devagar. A República começa a dizer o texto bíblico do começo. Uma luz forte com fumaça penetra o ambiente.

FIM

FICHA TÉCNICA DA PRIMEIRA MONTAGEM

Teatro Raul Seixas/Sindicato dos bancários da Bahia – Salvador

Janeiro e fevereiro de 2020

Projeto de residência artística

Elenco: Sonale Fonseca e Edmar Dias

Texto, encenação e iluminação: Uarlen Becker

Cenário, Maquiagem e figurinos: Uarlen Becker, Edmar Dias e Sonale Fonseca

Produção: GrupUsina de Teatro

Fotos: Diney Araújo

Agradecimentos: Alda Valéria, Frank Magalhães, Sindicato dos bancários, Moisés Rocha, Ana Paula Carneiro, Dima Dimais, Tiago Bittencourt, Dalvinha, Ravel e Diney Araújo.